

Notícias de Guimarães

Ano 16.º N.º 824
 GUIMARÃES, 16 de Novembro-1947
 Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4918
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

SUISSA — Jóia do Mundo

A Suíça é, sem nenhuma dúvida, um oásis verdejante em pleno deserto — uma jóia do Mundo! E isto por muitas razões, incluindo até o facto da pobreza ser quase desconhecida na república helvética. A indigência não se alastra na Suíça como noutros países.

O sistema de vida dos suíços apoia-se sólidamente num princípio: o da iniciativa, capacidade e recursos individuais. E' o princípio fundamental para se criar um turismo digno de reputação mundial.

A aptidão com que os suíços trabalham é talvez mais concentrada ainda do que a de qualquer outro povo. Tudo o que eles têm para vender é a qualidade — afinal, o princípio fundamental, para criar reputação no mercado mundial. Citaremos as indústrias suíças: relógios, instrumentos de precisão, maquinaria hidro-eléctrica, produtos químicos e textéis.

A Suíça é um país de grandes negócios, especialmente no ramo das indústrias pesadas. Cada fabricante vive numa busca permanente de novas invenções. Constantemente coisas novas e novos processos, melhores do que os antigos.

A célula industrial típica, a indústria especialmente mais generalizada, é a dos relógios. Em todo o Mundo, há milhares de pessoas com relógios da indústria helvética. E o turista que vai à Suíça e não possui ainda um desses afamados relógios, de pronto o adquire.

Coisa digna de nota, de que todo o turista se apercebe: quando se percorre qualquer cidade dos inúmeros cantões suíços, não é fácil dizer qual é o bairro dos operários. Há uma franca igualdade, uma comum convivência. Os suíços pretendem apenas progresso.

Tudo se conjuga, enfim, para que a Suíça seja uma maravilhosa jóia, onde Deus parece ter concentrado todo o seu poder de Criador para seduzir os mortais, país de tão grandes e ridentes belezas, de tão poderosos e brilhantes encantos. Todos os cantões suíços têm o seu condão de prender com laços de irresistível atracção todo o turista que os visita.

Zurique, Lucerna, Berna, o Monte Pilatus, Rigi, Fribourg, Junafran, o Valais, são os primeiros pontos a oferecer a sua luminosa visão, a que os olhos se prendem magnéticamente, subjugados pela grandiosidade do panorama.

Os lagos Léman e dos Quatro-Cantões são uma deliciosa aguarela em que os motivos são belos e grandiosos. Aqui e ali, na Suíça, impossível se torna escolher o melhor ou especificar entre tantas maravilhas um recanto mais sugestivo,

País de maravilha! O visitante que for à Suíça passar as suas férias, pode frequentemente apreciar, tanto nas cidades mais pequenas como nas povoações mais modestas, essas maravilhas e ter a certeza de estar possuidor, durante esse tempo, de uma jóia do Mundo.

Rollin de Macedo.

ESTA PALAVRA:

TUBERCULOSE!...

a que os gregos centenas de anos antes de Jesus Cristo chamavam a

"Grande Peste Branca"!

O Distrito de Braga foi dos que verificaram menor percentagem de falecimentos por tuberculose.

A «Grande Praga Branca» — eis o terrível flagelo ao qual se referiram com pavor Hipócrates, de Cos, — o Pai da Medicina — (400 anos antes de Cristo) e, mais tarde, Galeno, de Pérgamo, (129 — 199 d. C.).

No tempo de Aristóteles (384 — 322 a. C.), intensificou-se a luta contra a Peste Branca. Já então os gregos a consideravam doença infecciosa, embora ignorassem o «processo infeccioso».

Outro tanto verificou o médico árabe Avicana (1073); mas só no século XVII Salenius (1672) verificou a existência do tubérculo nos pulmões.

Em 1782, a Itália, por meio de editais, instruiu a população na desinfecção das roupas e objectos do uso dos tísicos. Quando morreu Chopin, foram tachados de estúpidos os físicos que o trataram, e a sua cama foi purificada pelo fogo.

Villemin (1865), provou a contagiosidade da tísica; mas só Robert Koch (1882) definiu perfeitamente o agente infeccioso, que, por isso, ficou sendo conhecido ou denominado cientificamente pelo «Bacilo de Koch».

Tanta erudição assoprada vem ao ponto de dizer que a tísica se chamou tuberculose quando se tornou a «doença da moda» e é, hoje, ainda, a despeito da guerra, tão encarniçada, que lhe tem feito a Civilização, o terrífico flagelo que ceifa maior número de vidas, no quadro da mortandade geral e universal.

Portugal — este querido e bendito torrão que nos é berço — sofre, como todas as nações civilizadas do mundo conhecido, as consequências do terrível mal, que nos vai ceifando vidas preciosas e sem conta.

Senão, vejamos, pelo seguinte quadro ilucidativo, baseado em elementos estatísticos do ano de 1946; a percentagem da mortandade de tuberculosos, em relação ao obituario geral de cada distrito da Metrópole portuguesa, fica aí bem patente:

DISTRITOS	ÓBITOS	MORTOS PELA TUBERCULOSE	PERCENTAGEM
Aveiro	577	57	9,87 por cento
Beja	245	30	12,24 "
Braga	658	46	6,99 "
Bragança	336	8	2,38 "
Castelo Branco	335	17	5,07 "
Coimbra	532	57	10,71 "
Evora	223	35	15,69 "
Faro	309	43	13,99 "
Guarda	411	13	3,01 "
Leiria	395	32	8,01 "
Lisboa	1,401	282	20,12 "
Portalegre	183	22	12,02 "
Porto	1,459	217	14,87 "
Santarém	399	47	11,77 "
Setúbal	262	45	17,17 "
Viana do Castelo	331	20	6,04 "
Vila Real	466	20	4,29 "
Viseu	676	43	6,36 "
	9.198	1.034	11,24 "

É pequena, ainda assim, a grande campanha que entre nós tem sido desencadeada para conter em respeito a «Grande Praga Branca».

Há que reunir todas as nossas armas, todo o poderio das nossas grandes faculdades de acção, perseverança, inteligência e levantar-se Portugal em peso, marchando todos para a guerra ao nosso inimigo número UM: a «Grande Praga Branca»!

Guerra cruenta, sem tréguas — mas Guerra Santa, porque é uma verdadeira Batalha pelo Bem dos Portugueses e da humanidade em geral.

LISBOA, em Novembro de 1947.

Luís Barradas (Almedina).

O Sub-Secretário do Comércio e Indústria esteve em Guimarães

Na sexta-feira, deslocou-se, propositadamente, de Lisboa a Guimarães, com o fim de estudar o assunto correspondente à projectada transferência da Fábrica de Moagem do Minho, Lda., o Senhor Sub-Secretário do Comércio e Indústria, Dr. José Correia de Barros, que na Trofa foi aguardado pelo Chefe do Distrito, Sr. Major Armando Nery Teixeira, pelos Presidentes e Vereadores da

Câmara Municipal Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Comendador Alberto Pimenta Machado, João R. Martins da Costa (Aldão), José Rosas Guimarães e Manuel Freitas Faria e pelo Presidente do Grémio da Lavoura, Sr. Capitão José Maria de Magalhães Couto, que lhe apresentaram cumprimentos.

Seguidamente, aquele membro do Governo dirigiu-se à

CONTRASTES!...

Farpas e farpeados

Sempre que lemos as «Farpas» do *Notícias*, ficamos bem impressionados com a forma como o seu autor consegue adaptar a natureza dos assuntos focados à oportunidade em que os mesmos devem, de facto, ser apontados. Mais uma vez verificamos isso no último número do referido Jornal e na referida Secção, da qual destacamos a seguinte setilha:

«Pelos ruas da amargura
 A má lingua — que tortura —
 Tudo arrasta aos trambolhões...
 E Guimarães, nobre terra,
 Pode estar em «pé de guerra»
 Devido a tais discussões!»

Felizmente, porém, isso não quer dizer que não haja muito trigo sem joio cá pela terra, porque se os profissionais da má lingua representam um número — como, aliás, acontece em todas as terras — as pessoas que não praticam esse desporto representam um número muitíssimo superior, de onde se conclui que o fiel da balança se encontra acentuadamente inclinado para este lado. No entanto, há sempre motivo para lamentar os efeitos de tais ciclones de «línguas afiadas», sobretudo quando essa tormenta pode arrastar consigo muita coisa que faz falta. De aconselhar é, pois, mais prudência e maior elevação!

Cultura Musical

E' inegável que a cultura musical representa um papel de notória importância na própria civilização de qualquer povo. E por que assim o pensamos e, de facto, assim é, registamos, com muito prazer, a notícia de que a Delegação de Guimarães do Circulo de Cultura Musical continuará a existir e, em face disso, os Vimaraneses, em condições de o fazer, terão ocasião de apreciar

o Belo e o Sublime dessa Arte, através da realização de vários concertos promovidos pela referida Delegação. A este propósito, achamos interessante a ideia de facilitar aos estudantes, aos empregados no Comércio ou na indústria, aos trabalhadores sindicalizados, etc., a assistência a esses concertos. Pena é que os funcionários públicos de humildes proventos não sejam beneficiados com iguais vantagens ou regalias. Para estes, a cultura musical não deveria ser uma madrastra rude e rabugenta, mas sim uma mãe, daquelas que cuidam dos seus filhos com toda a ternura do seu coração e com todo o afecto da sua alma! De resto, seja como for, fazemos os melhores votos pela prosperidade da Delegação de Guimarães, da qual se tornou fervoroso apóstolo o nosso estimado amigo e dedicado vimaranesense, Sr. Francisco Pereira Mendes. Oxalá, portanto, que essa prosperidade seja a mais significativa coroa de louros de todas as boas vontades que se encontram unidas para esse fim.

O S. Martinho

Este ano até o bom tempo se associou às comemorações em honra de S. Martinho, que, segundo ouvimos dizer, atingiram o seu auge no Restaurante Jordão, onde não faltou o bom repasto e a boa disposição para o apreciar, assim como tudo aquilo que faz parte do menu de uma reinante animação. Não invejamos a sorte de quem teve a oportunidade de gozar, mas lamentamos que o S. Martinho se tenha esquecido de tantos infelizes, que passaram esse dia com um manjar de lágrimas, de tristezas e de ilusões.

Porém, o mundo continua de cada vez mais confuso e mais ingrato!

X.

O caso da Moagem de Guimarães volta a estar em foco

Não há muito tempo ainda, o «Notícias de Guimarães» deu ao caso da transferência da «Moagem do Minho, Lda.», o desenvolvimento que a magnitude da causa e a sua projecção no valor económico do nosso concelho e até na província minhota justificavam. Expostas as razões que assis-

tem aos vimaraneses, apreciadas as flagrantes consequências que para os abastecimentos de farinha de trigo adviriam em prejuizo dos abastecidos, se a transferência para o Porto se mantivesse, como é pretensão dos empresários, a todos ficou a certeza que os inconvenientes, presentes e futuros, são de tal vulto, que o assunto não podia ter outro despacho que aquele que a Justiça, o Bom Senso e a Previdência indicam.

Fábrica de Moagem do Minho, Lda., cujas dependências percorreu, enquanto trocava impressões com os gerentes daquela Empresa e com as autoridades locais.

Seguidamente, visitou o Museu Alberto Sampaio e seguiu para a Estância da Penha, onde a Câmara Municipal ofereceu, a Sua Ex.ª, um almoço íntimo.

Ao fim da tarde, o ilustre membro do Governo retirou para Braga, tendo recebido, no lugar do Proposto, os cumprimentos de despedida da Câmara e do Presidente do Grémio da Lavoura.

Justiça porque a Moagem foi instituída por alvará, para Guimarães, sendo a sua mudança um golpe importante no seu valor industrial;

Bom Senso porque sob todos os aspectos, sem esquecer o valor social, a moagem é de utilíssimas vantagens para o abastecimento concelhio e regional, como já se evidenciou;

Previdência porque às conveniências da actualidade se sobrepõe o acatamento futuro, para garantia de acesso e distribuição de farinha de

Vem aí o NATAL!

OS POBREZINHOS ESPERAM NÃO SER ESQUECIDOS

Porque se aproxima a quadra festiva do Natal, a festa mais linda do calendário, o «Notícias de Guimarães» resolve, desde já e a exemplo dos anos anteriores, abrir a sua subscrição para os pobres, para os necessitados, muitos dos quais lhes vêm lembrando já a sua situação de privações sem conta, apelando para o auxílio que possa minorar-lhes um pouco, na quadra da Festa da Família, tamanhos sofrimentos.

E porque é já tradicional essa subscrição e porque a nós próprios impusemos, desde há muito, o dever de velar pelos pobrezinhos, nós recebemos, a partir desta data, os donativos que queiram confiar-nos os amigos nossos, que uma vez mais se dignem tomar parte, como valiosos e indispensáveis e generosos colaboradores, na Jornada de Benfazer que vamos encetar.

Leitor amigo, nós te pedimos para os pobres, para os doentes, para os infelizes, enfim, um donativo em nome da Caridade!

Noite de S. Martinho

Numa taberna suja de viela
A malta festejava o S. Martinho...
Em vez do copo erguia-se a tigela
Onde espirrava o sangue dum mau vinho...

No ambiente, um fartum de piela
E um cheiro nauseante a sovaquinho...
Sorviam-se canadas de mistela
E já não se entendia o zé-povinho...

Por causa dumas saias, de repente,
Envolve-se em desordem toda a gente
Com gritos, navalhadas a granel...

Impassível ao sangue e às facadas
O vendeiro de mãos enclavinadas
Só defende a torneira do tonel...

Novembro de 1947.

DELFIN DE GUIMARÃES.

trigo ou de milho aos povos distanciados dos grandes centros, em caso de anormalidade parcial ou total do país, o que praticamente se atenua com uma mais vasta situação de moagens.

Pensa assim a massa anónima de todo o concelho e das terras circunvizinhas, mais ou menos abastecidas — ou a virem a se-lo — pela Moagem de Guimarães, porque facilmente se apercebe desses predicados e ainda das vantagens de ordem económica e de sanidade que representa a sua laboração nesta cidade.

Assim entende a edilidade vimaranesa, como intérprete de todos os Organismos locais, desde a Intendência dos Abastecimentos às Juntas de Freguesia, enquadrando-se no mesmo sentir a União Nacional, os Sindicatos, o Governo Civil, etc., etc.

Julga-o também assim o Sr. Ministro da Economia que, dentro do seu programa de abastecer o melhor, mais rapidamente e pelo mínimo de custo, considera a moagem localizada onde de facto lhe pertence e se ajusta às necessidades do meio. E assim, não teve dúvida em proibir que se procedesse à transferência da fábrica, como tornámos público.

E, na verdade, todas estas atitudes revelam consciência e acerto.

Mas, não foi igual o alcance da Empresa. E não o foi porque não são vimaraneses, porque não se compadecem das conveniências do público, nem das directrizes que à economia nacional pretende dar quem tem a seu cargo essa difícil missão.

São sim, comerciantes, simplesmente comerciantes que não têm outro fim que não seja ganhar dinheiro. E porque a Moagem de Guimarães lhes daria mais proventos a produzir farinha para massa, mais pertinho da sede, tudo fazem para que essa miragem se torne realidade.

Não se enfadaram com a antipatia duma cidade, do mais populoso concelho provincial, que se sentirá prejudicado no seu quadro industrial e na sua vida económica.

Não se intimidaram com as proibições das autoridades, que nada mais são que a reprodução de ordens do Sr. Ministro da Economia.

E muito caladamente, tal como na obtenção do despacho favorecedor, começaram a desmontar parte do maquinismo da moagem, para a pouco e pouco o fazer seguir para o Porto.

As autoridades novamente tiveram de intervir, uma vez mais foi embargada a transferência, mas, como é evidente, não se pode estar constantemente nesta situação de faz e desfaz, querendo a vontade particular sobrepor-se ao direito público e aos poderes superiores.

Urge, pois, que definitivamente este já demorado caso seja concretizado.

Isso esperamos confiadamente, tanto mais que as nossas autoridades não têm descurado o assunto e o Sr. Ministro da Economia está sumamente interessado na sua resolução.

E como Sua Ex.^a vê com simpatia as razões que assistem aos vimaraneses e a moagem se encontra no âmbito do seu vasto programa de abastecimento, conforme pessoalmente nos disse quando da primeira intervenção, estamos convictos de que não demorará muito a decisão final sobre o caso e de maneira a não privar a nossa terra de um dos seus mais valiosos fabricos locais.

No MEU CANTINHO

Só recentemente se me ofereceu ensejo de ver que a Pax publicara em 1938 um volume bem apresentado e com uma capa tentadora, pelo retrato de uma ternura dulcíssima dizendo no seu fundo — O Bernardo. Como é que eu nunca o vira?!...

E' obra da Irmã e Enfermeira.

Lê-se com bastante gosto. Os vinte e dois capítulos poderiam ter organização mais metódica.

Chega a parecer que teve duas mortes. Talvez por confusão minha. Eu estou muito maluco!

Mas o livro corre bem. A leitura é aprazível. Bem escrito.

No entanto, o que mais perdura na mente é a doçura da capa.

Aqueles olhos encantam. Pede por mim, D. Bernardo!

A Bertrande deu a honra de volume com Cem páginas ao querido Ozanam.

O Prefácio satisfaz. A revisão é que não.

Nem parece da Bertrand. Costuma primar em tal.

Mas desta vez não primou!

Capitão Sousa Guerra

Pela última Ordem do Exército, foi promovido, a Capitão, o Tenente Sr. Henrique de Sousa Guerra, filho do nosso querido amigo e distinto Oficial do Exército, Sr. Coronel Henrique Alberto de Sousa Guerra, que vai iniciar, agora, o 2.º ano do Curso do Estado Maior.

Apresentamos-lhe as nossas felicitações com votos de muitas prosperidades.

OS MEUS CADERNOS

HUGO WOLF

A 13 de Março de 1860, nasceu em Windischgraz (Stíria) uma criancita de aspecto débil — mais um ser que o destino tinha escolhido para seu juguete submisso. O pai, Filipe Wolf, curtidor de peles, tinha tido mais três filhos e, embora de limitados recursos, entretinha-se nas horas livres com a música. Tanto tocava violino, como guitarra, como piano. Formou um quinteto, no qual ele, Filipe Wolf, tocava o primeiro violino e Hugo Wolf o segundo.

Hugo Wolf deu assim, insufficientemente, atabalhoadamente, os seus primeiros passos na música. Insistindo com a família, conseguiu entrar, em 1875, no Conservatório de Música de Viena. Mas nem por isso foi mais feliz. Passados dois anos foi expulso por indisciplina.

O que havia de fazer? Voltar para a sua terra?! Mas para quê? O seu destino era outro. As suas aspirações não podiam contentar-se com tocar violino no quinteto criado pelo pai. Para mais, um grande incêndio lambra todos os poucos bens que sua família possuía.

Fica. Começa então a sua vida dolorosa. Forma-se à sua custa, sem escolas, sem auxílios. Vai para as bibliotecas e estuda com todo o cuidado, com todo o entusiasmo, com todo o amor, os grandes mestres. Dedica-se tanto e com tanta persistência que nem se lembra de comer nem de beber.

E piano para estudar? Não só não o possuía como também não teve um amigo que lho emprestasse. A sua vontade é de ferro e, por isso, estuda Bach e Beethoven, Schubert e Schumann, ao ar livre, sobre um banco, que fazia de piano.

Contudo, a sua admiração mais forte foi sempre para Wagner. No mesmo ano em que entrou no Conservatório, Wagner veio a Viena para dirigir as suas óperas «Taunhäuser» e «Lohegrin». Hugo Wolf vê o ídolo da época. Delira de entusiasmo. Corre tanto que chega ao teatro primeiro que Wagner.

Wolf não se contenta. Precisa de falar ao mestre. Pede ao dono do hotel que o apresente. Mas nem assim foi bem sucedido. Consegue falar com Wagner, mas Wagner diz-lhe que não tem tempo sequer de escrever as suas cartas quanto mais de apreciar as obras de um admirador! Lança-lhe um sorriso — sorriso que Wolf interpretou como se quisesse dizer-lhe: «E's um louco». Wagner despede-se. Anima-o, no entanto, a trabalhar, lembrando-lhe também que, quando tinha aquela idade e companhia música, ninguém diria que ele, Wagner, viria a salientar-se tanto. E aconselha-o a continuar com a sua vocação, pois que, se um dia vier de novo a Viena e Wolf tiver obras já melhores, terá todo o gosto em pronunciar-se sobre elas.

Mais uma punhalada do destino. Apesar disso começa a trabalhar. Compõe «Lieder», sonatas, sintonias, etc. Em 1883, consegue fazer um poema sinfónico: «Penthésilée». No ano seguinte, foi-lhe concedido o lugar de crítico musical no pequeno jornal «Salonblatt», que só tratava de mundanismo, sport, novelas, crónica amena, etc., e não de arte. Aí defende os seus autores predilectos e começa uma crítica acirrada contra Brahms. Brahms perdoou-lhe, ou melhor, as críticas não turvaram a fleugma do seu espírito; mas os admiradores de Brahms é que não lho perdoaram.

Uma sociedade vienense «dignou-se» ouvir a leitura do poema «Penthésilée». Houve risos escarninhos de todos os lados. Então, o maestro, no fim, disse: «Senhores: Peçovos perdão de ter deixado representar o bocado até ao fim. Mas queria dar o espectáculo do homem que ousa escrever tais coisas sobre o mestre Brahms.»

Wolf retirou-se para a sua terra. Continuou a trabalhar com todo o ardor. Tinha então 27 anos. O seu maior labor intelectual revela-se desde 1877 a 1890. Escreveu cerca de 200 «Lieder», «todos de uma individualidade admirável», sendo: 53 de poesias de Mörike, 51 de Goethe, 44 de poetas espanhóis, 17 de Eichendorff, algumas de poetas italianos, etc., etc.

Mas o seu grande desejo era escrever uma ópera. Procurou poemas de óperas em todos os poetas do mundo e, não os encontrando, acabou por se servir de um poema de Rosa Mayreder, inspirado numa novela de Pedro de Alarcón: O «Corrigidor». A tibieza do poema contribuiu para o pouco sucesso da obra musical. Em 1897, tem outra ópera em vista: «Manuel Venegas», de um poema de Moritz Hoernes.

Wolf parece que rejuvenesce. Uma nova esperança e uma nova força circulam-lhe nas veias. Tem confiança em si. Vai, enfim, satisfazer uma grande vontade. Trabalha «como máquina a vapor», na nova ópera. Em 14 dias, escreveu 50 páginas da partitura para piano. Mas... o destino persegue-o. Adoeceu. Na convalescença, musicou ainda muitas poesias dos melhores autores. Surge-lhe novo ataque de fúria. No Outono de 1898, deu entrada num manicómio de Viena. Ainda fez algumas músicas, mas morreu de uma peripneumonia, a 16 de Fevereiro de 1903.

Eis um homem que é uma verdadeira singularidade no sofrimento. Nada houve que o auxiliasse: nem a saúde. Artisticamente, podemos dizer que viveu apenas 3 ou 4 anos. Apesar de tudo, neste tão limitado tempo, escreveu com uma profusão quase excepcional. E, quanto à qualidade, basta este elogio de G. Kühn, um dos seus mais brilhantes críticos: «Ele foi o maior psicólogo que teve a música alemã, depois de Mozart.»

Como quase sempre acontece, não lhe faltaram admiradores, depois da morte. Publicaram-se as suas cartas, escreveram-se biografias, erigiram-lhe monumentos, estátuas. Lá no túmulo, inconsolável, descoroçoado, Hugo Wolf deveria repetir aquilo que já tinha dito, em vida, e que, na morte, é o melhor epitáfio para a sua personalidade: «Vous êtes des hypocrites. Ce n'est pas pour moi que vous élevez ces statues; c'est pour vous mêmes. C'est pour prononcer des discours, former des comités, faire croire aux autres et à vous-mêmes que vous êtes de mes amis. Ou étiez-vous, quand j'avais besoin de vous? Vous m'avez laissé mourir. Ne jouez pas la comédie autour de ma tombe. Regardez plutôt autour de vous s'il n'est pas d'autres Wolf, qui se débattent contre votre hostilité ou votre indifférence. Pour moi je suis au port.»

Ferreira Torres.

Guarda-Livros

PRECISA-SE para pequena escrita, podendo trabalhar a qualquer hora. Carta à redacção a M. P.

Círculo de Cultura Musical

É finalmente no próximo sábado, dia 22, que pelas 21 horas, no Teatro Jordão, se vai inaugurar a segunda temporada da Delegação do C. C. M.

Acontecimento sempre notável no nosso meio artístico e social, estamos certos que a presente temporada vai registar o mesmo êxito alcançado no ano passado em que nos deliciámos com verdadeiros espectáculos de boa arte, pois os artistas são escolhidos no melhor que há no mundo, verdadeiras celebridades musicais.

A inauguração realiza-se com a Grande Orquestra Sinfónica Nacional, da regência do Maestro Igor Markévitch, que pela primeira vez visita Guimarães.

Este maestro, que com 35 anos de idade, é considerado um dos mais geniais representantes da escola contemporânea — é um compositor distintíssimo, tendo executado o seu concerto para piano e orquestra, em Londres, quando, em 1928, travou conhecimento com Sergio Diaghilew, o ilustre director dos Bailados Rusos. De então para cá rapidamente conquistou um lugar de destaque na moderna produção musical.

Markévitch iniciou a sua carreira de chefe de orquestra aos 18 anos, dirigindo primeiro as suas obras. Recordar-se, a propósito, que depois de um dos seus concertos em Itália, um crítico de Roma escreveu: «Com aquele poder magnético, com aquele frémido diabólico, devia tocar Paganini!...»

Na verdade, Markévitch, pela sua técnica novíssima, pode ser considerado como um completo renovador da arte de reger. As suas mais belas composições requerem um coro numeroso e numerosos ensaios, o que não permite, infelizmente, a sua inclusão nos programas dos nossos concertos, esperando, contudo, que noutra oportunidade o C. C. M. o possa fazer.

Como é do conhecimento dos nossos leitores, não é permitida a entrada na sala depois de iniciado o concerto, esperando a Delegação de Guimarães que os senhores associados respeitem, com rigor, o regulamento, que não permite que se palmeiem os andamen-

Festas Nicolinas

Os nossos briosos académicos vão levar a efeito, uma vez mais, em cumprimento da tradição, as antiquíssimas Festas Nicolinas, as quais serão anunciadas no dia 29, à noite, com o cortejo do «Pinheiro». A Comissão promotora dos folguedos nicolinos está a empregar os seus melhores esforços no sentido de sair-se, o melhor possível, da missão que tomou sobre si.

A Noite de S. Martinho no RESTAURANTE DO TEATRO JORDÃO

Esteve animada a festa que na noite do dia 11 se realizou no Restaurante do Teatro Jordão. Ali se reuniram numerosas pessoas e famílias da sociedade vimaranesa, assim como outras de fora. Uma magnífica orquestra, do Porto, abrilhantou a reunião, tendo-se dançado com entusiasmo até de madrugada. A' meia noite foi servida uma bem confeccionada Ceia. Durante a noite predominou no amplo recinto a maior animação.

Merecem louvores os promotores da elegante festa.

tos e se observe rigoroso silêncio durante as execuções.

Estando já em distribuição, no Turismo, os cartões de admissão, roga-se aos senhores associados a fineza de os retirarem com urgência, evitando a última hora, sempre prejudicial.

Continua a inscrição de associados, estando patentes no Turismo as condições para a inscrição económica, reservada para estudantes, empregados no comércio e indústria, trabalhadores, etc.

Igualmente beneficiam desta inscrição os filhos menores dos sócios.

Aspectos do Porto

Há tempos, referi-me, neste jornal, a uma criança há muito atacada pela tinea. Mostrei, então, o meu pesar pela falta de assistência de que essa pobre creatura tanto necessitava. Hoje, tenho o grande prazer de participar aos meus leitores que a pequenina Maria José (assim é o seu nome) já está curada.

Devido ao escrito em que, nas colunas deste jornal, focava a sua desventura, uma individualidade de poderes na Invicta pediu a alguém que me telefonasse a fim de que eu desse o endereço da doente em questão para que o seu caso fosse solucionado.

Um outro telefonema tive da Ilustre autora de «Uma grande paixão» a propósito, ainda, da solução do caso que tanto me preocupava. Felizmente, nessa altura já a Maria José havia tido o primeiro tratamento na «Casa dos Pobres», vencendo, assim, a luta mantida durante meses e meses.

Não há mal que sempre dure... e não haja dúvida que à Imprensa se deve uma grande percentagem do remédio, da cura, de muitos males que enfermam a humanidade. E dever-se-lhe-ia ainda mais, muito mais, se ela não tivesse certos entraves...

Fala-se na Invicta de obras monumentais como seja a construção de uma ponte sobre o rio Douro que dará acesso a uma avenida, em projecto, que sacrificará um grande e bonito bairro dos poucos realmente acessíveis ao proletariado. Está certo que façam melhoramentos, que embelezem a cidade, mas não está certo que façam qualquer obra de vulto sem que, primeiro, construam mais bairros que substituam as horribes «ilhas» onde, aqui e além, se morre aos poucos... Sem a eliminação desses antros, nenhuma obra de vulto poderá jamais brilhar intensamente nesta pitoresca cidade. E pondo ponto final neste meu parecer, pergunto:

Para onde irão os muitos indivíduos do bairro que pensam demolir em prol da projectada avenida? Onde encontrarão casas acessíveis aos seus magros recursos? Eis o problema que jamais deveriam descurar.

Isaura Correia Santos.

VENDE-SE

a quinta das Quintões de Baixo, situada na freguesia de Fermentões, muito perto de Guimarães. Paga 7 carros de medidas, produz em média 12 pipas de vinho e tem muito mato e bravio. Para mais informações, dirigir-se ao Solicitador Francisco Faria.

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

Apresenta: Um filme que tem sido altamente elogiado pela Imprensa de todo o mundo, merecendo os mais calorosos aplausos de todos os públicos

A Escada de Caracol

Com: DOROTHY MC. GUIRE — GEORGE BRENT — ETHEL BARRIMORE.

Quarta-feira, 19, às 21 horas:

Uma obra célebre num filme emocionante!

O PAI GORIOT

Com: PIERRE RENOIR — GEORGES ROLLIN — CLAUDE GENIA, etc.

Sexta-feira, 20, às 21 horas:

Sinfonia Azul Em benefício do **Allo de Santa Estefânia.** Uma cine-opereta de grande espectáculo, com: NILSE POPPE.

ORIENTE

SALÃO DE ALTA COSTURA

Rua Ramalho Ortigão, 34-1.º-Esq.º

PORTO

Participa às suas Ex.ªs Clientes, desta cidade, que abriu a estação de inverno com uma luxuosa colecção de Modelos de PARIS e BARCELONA e criações da sua «primière» *Maria do Céu.*

LIVRARIA GUALDINO CORREIA & C.ª

Rua do Soute — BRAGA

VENDE:

- HISTÓRIA DE PORTUGAL — 8 volumes — encadernação toda a carneira com gravados, por Alex. Herculano . . . 500\$00
 - OS LUSÍADAS — de Camões — edição monumental feita em Leipzig (Alemanha) em 1880, belamente encadernada . . 1.500\$00
 - D. QUICHOTE DE LA MANCHA — por Miguel Cervantes — 2 grossos volumes — com gravuras de Gustavo Doré — encadernados . . . 400\$00
 - LELO UNIVERSAL — 2 volumes encadernados — com as capas próprias . . . 700\$00
 - GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA BRASILEIRA — publicados 15 volumes. Vendem-se os 15 volumes encadernados com a capa da obra (o publicado até à data) por . . 3.300\$00
 - A mesma obra, mas só os 4 primeiros volumes encadernados e os 11 volumes em fascículos (o publicado até à data) . . . 1.800\$00
- (Só há um exemplar de cada uma destas obras)

MÓVEIS E DECORAÇÕES

ALPIMENTA

VISITEM Vossas Excelências as novas instalações dos Armazéns de Móveis da CASA ALBERTO PIMENTA MACHADO onde há mobílias para todos os preços.

Arte! Bom gosto! Construção garantida!

RUA DE GIL VICENTE GUIMARÃES

foi em seguida trasladado, com numeroso acompanhamento, para o cemitério paroquial de S. Miguel das Galdas de Vizel, onde ficou sepultado em jazigo de família.

Recebeu a chave da urna o filho da extinta e nosso prezado amigo Sr. José Manuel da Veiga Correia.

A toda a família dorida apresentam-se os sentimentos mais sinceros e respeitosos por sua alma.

D. Rosa do Carmo de Freitas Moura

Na esperançosa idade de 18 anos finou-se em casa de seus pais, à rua da Ramada, a menina Rosa do Carmo de Freitas Moura, filha do Sr. António Ribeiro de Freitas Moura. O seu funeral realizou-se no dia 11 para o cemitério de Atougua, em cuja capela foram rezados os resposos por sua alma.

Sufrágios

A Mesa da Irmandade de Santo António, provisoriamente erecta na capela da V. O. T. de S. Domingos, manda celebrar amanhã, 17, pelas 8 horas, naquele templo, uma missa de Requiem em sufrágio da alma dos irmãos e benfeitores da Instituição do «Pão dos Pobres» falecidos.

De luto

Pelo falecimento de sua sogra, ocorrido recentemente, guarda luto a Sr.ª D. Nidia Pereira Guimarães, viúva do nosso saudoso amigo Sr. José Pereira Guimarães.

Apresentamos-lhe as nossas condolências.

O Folclore Nacional

Também se ajusta a este tema o conhecido lugar comum de que PORTUGAL tanto o é em pleno Minho como na longínqua TIMOR.

Confirma-se, assim, a verdade do valor folclórico — para nós — tanto seja no Algarve como em Cabo Verde, não esquecendo todavia o pitoresco das práticas das antigas tradições populares existentes, ainda, nas Beiras, onde até, em 1940, o concurso da aldeia mais portuguesa concedeu o galardão de, aliás com merecida justiça, proclamar a povoação de **Monsanto aldeia mais portuguesa**, premiando-se assim o patriótico esforço com um trofeu valioso, o já celebre Galo de Prata, quase em vésperas de, pela segunda vez, poder sair-lhe do património bairstista, se porventura outra lusitana terra o vier a merecer no próximo concurso.

O estudo das tradições populares é espécie, bem feliz, da história falada numa linguagem que se produz pelos séculos fora. De certo modo, representa a expressão viva de toda a História. O folclore pode ser ainda, por outras imagens, o aspecto de cultura espontânea do povo, como que um atavismo natural.

Oxalá que a opulência dos valores no campo do folclorismo não seja motivo de emulação entre as nossas gentes das vilas e das aldeias. Evitar-se-á o dissabor se todos procurarem valorizar-se e, compreensivelmente, aguardarem com serenidade o prémio justo do seu regresso à vida própria, para assim contribuir, com generosidade, para o desenvolvimento da riqueza nas autênticas realidades tradicionais.

Veja-se com agrado o surpreendente sucesso dos pauliteiros de Miranda; manifesta-se o folclore de alto exibicionismo que, por essa mesma razão, mereceu a primazia de um prémio no concurso público da Inglaterra. Mas, por outro lado, se de Trás-os-Montes, com os seus graciosos estrelóquios, passarmos ao Algarve dos corridinhos, música melódica das mais alegres e alvo-rocadas da nossa pátria, depa-ramos com os trajes característicos das pescarias quase traço de união com Aveiro ou Nazaré e Póvoa de Varzim, das mais típicas e simbólicas embaixatrizes do pescado lusitano.

Outra região opulenta de folclorismo acha-se ao visitar o Ribatejo, onde o campino

maranense e também nosso amigo sr. José de Freitas Guimarães e de sua esposa a sr.ª D. Ana Ribeiro de Freitas Guimarães.

O enlace realiza-se muito brevemente. Aos simpáticos noivos desejamos, antecipadamente, as maiores venturas.

Diversas Notícias

Festa de confraternização

No dia 8 do corrente fez anos o nosso prezado amigo e estimado comerciante local, Sr. Amadeu José de Carvalho que, por tal motivo, ofereceu aos seus colaboradores um opíparo jantar, ao qual, por motivos estranhos à nossa vontade, não nos podemos referir hoje, mas tal vez o possamos fazer no próximo número.

Entretanto, receba aquele nosso bom amigo sinceras felicitações.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henriques Gomes, à Rua da República.

Distúrbios

Na noite de terça-feira, na Rua de Egas Moniz, quando um grupo de indivíduos se encontrava na Pensão Vitória, pertencente a Lopo Gonçalves, foi pelo empregado da mesma chamada a atenção do guarda de giro para que ordenasse a retirada do mesmo grupo da Pensão, por ir já adeantada a hora.

Como os referidos indivíduos não levavam a bem a intervenção do guarda, tentaram desarmá-lo ao que este agiu disparando três tiros para o ar, a fim de os intimidar. No entanto ficou naquelha rua Alberto de Abreu Machado que resistiu ao guarda captor, sendo, por isso, conduzido para a Esquadra Policial, onde ficou detido.

Interrogado, declarou que os furtivos se chamavam Cândido, o «maneta», e um tal João, residentes na mesma rua e cuja identidade ignora.

Agressor preso

A Polícia capturou já Benigno Salgado, solteiro, de 18 anos, que, conforme noticiámos, agrediu barbaramente no dia 4 do corrente, João Novais, casado, lavrador-caseiro, da freguesia de S. Romão de Mesão-Frio, a quem roubou.

Contribuições

Na Secção de Finanças deste concelho, acha-se em reclamação, peio espaço de 15 dias, a contar do dia 12 do corrente, o rendimento tributável fixado aos contribuintes do Grupo C. para 1948, das seguintes modalidades: casas de pasto e pensões, e vinhos — mercador e armazém.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Deolinda da Veiga Lobato

Em quarto particular da V. O. T. de S. Francisco finou-se há dias a Sr.ª D. Deolinda da Veiga Lobato, de 74 anos, que foi casada com o nosso amigo Sr. José Fernandes da Silva Correia, e era mãe das Sr.ªs D. Deolinda Lobato Braga e D. Branca da Veiga Lobato e dos Srs. João e Rodrigo Pereira Lobato e José Manuel da Veiga Correia e sogra do Sr. Alberto Vieira Braga.

Os ofícios por sua alma celebraram-se na quarta-feira, na capela daquela V. O. Terceira, com a assistência de muitas pessoas das relações da família dorida, e o cadáver

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 11, os nossos prezados amigos srs. José Pinto de Almeida e António Fernandes Martins da Silva, industrial; no dia 13, os nossos amigos srs. José Maria Pinto de Almeida, de Lordelo, João Dias Pinto de Castro e Martinho Ribeiro da Silva, proprietário da Pensão Comercial; no dia 16, a sr.ª D. Maria Fernandes Mendes de Oliveira; no dia 17, o menino Francisco Ribeiro Jordão e os nossos amigos srs. Engenheiro Adelino Soares Leite, de Cabeceiras de Basto, Fernando Augusto Pinheiro de Magalhães e Manuel de Matos Marinho; no dia 18, a sr.ª D. Carlota de Jesus Paúl e o nosso prezado amigo sr. Serafim José Pereira Rodrigues; no dia 19, o nosso bom amigo sr. Adriano de Castro e sua esposa a sr.ª D. Maria Rosa de Castro, do Pevidém, e os também nossos bons amigos srs. Manuel António Branco, António Cardoso de Castro, do Pevidém, Rodrigo Teixeira, ausente em Angola, e António Moreira Sampaio; no dia 20, o nosso estimado amigo e distinto Pintor de Arte Professor sr. Abel dos Santos; no dia 21, os nossos prezados amigos srs. Francisco Alvaro Martins de Campos Guise e Manuel Pereira Maia e a menina Cândida Ribeiro Machado, de Riba d'Aze; no dia 22, o nosso prezado amigo sr. Luís Mendes Lopes Cardoso; no dia 23, o nosso prezado amigo sr. Cap. José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto e a sr.ª D. Ludovina Ferreira Peixoto.

A todas as Senhoras e Cavalheiros apresentamos os nossos melhores cumprimentos de felicitações.

Bodas de Prata

No passado domingo festejaram as Bodas de Prata do seu casamento o nosso amigo sr. António José Pereira Rodrigues e a senhora D. Delmina de Sousa Lima Rodrigues, tendo sido aquele acontecimento comemorado com uma solenidade religiosa no Mosteiro de Santa Marinha da Costa.

Apresentamos-lhes os nossos cumprimentos de felicitações.

Casamentos

No dia 10 do corrente consorciaram-se na igreja paroquial de S. Tomé de Abação a sr.ª D. Angelina Leite Cibrão, filha do nosso prezado amigo sr. Manuel Mendes Leite de Faria, abastado proprietário naquella freguesia, e da sr.ª D. Camila Moreira Seixas Cibrão e o sr. Manuel Pereira de Abreu, conceituado comerciante em S. Martinho do Conde, filho do sr. Manuel Pereira Dias Caldas e da sr.ª D. Adelaide da Conceição Alves de Abreu, residentes em Vilarinho, do concelho de Santo Tirso.

Os noivos, que vão firmar residência em S. Martinho do Conde e aos quais desejamos as maiores venturas, seguiram para Lisboa em viagem de núpcias.

No templo de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa, consorciaram-se ontem a gentil vimaranense senhora D. Deolinda Pereira dos Santos, filha do antigo comerciante sr. António Virgen dos Santos e da sr.ª D. Virginia Pereira dos Santos, já falecidos, e o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Bernardino Faria Martins, filho do sr. Joaquim Martins Guimarães, já falecido, e da sr.ª D. Custódia Ribeiro de Faria Martins.

Paranimfaram, por parte da noiva,

sua irmã e cunhado, a sr.ª D. Cecília Pereira dos Santos e o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Alfredo Faria Martins e, por parte do noivo, também sua irmã e cunhado, a sr.ª D. Maria Tereza Faria Martins Cerqueira e o sr. António J. Gomes Cerqueira.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Partidas e chegadas

Em serviço de pregação têm estado em Mértola os ilustrados sacerdotes e nossos queridos amigos srs. Monseñor Domingos da Silva Gonçalves, Director das Oficinas de S. José; P. Joaquim de Almeida Ferreira da Silva e P.º Horácio de Araújo, respectivamente Reitor de Serzedelo e Abade de Ronfe.

Com sua família regressou das suas propriedades de Arões o nosso prezado amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos.

Por motivo da sua retirada para Santes (Brasil) teve a amabilidade de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida o nosso querido amigo e conterrâneo sr. Gaspar Lopes Martins, a quem desejamos as maiores prosperidades.

Tem estado a tratar da sua saúde, nas Termas de Monfortinho, o nosso prezado amigo e distinto Abade de S. Romão de Mesão-Frio, sr. P.º João de Oliveira.

Regressou das mesmas Termas o nosso prezado amigo sr. Aprijo da Cunha Guimarães, do Pevidém.

Deu-nos há dias o prazer da sua visita o nosso bom amigo e distinto Professor do Ensino Secundário e Pintor de Arte, sr. Abel dos Santos, do Porto.

Tem estado em Tubuaço o nosso prezado amigo e distinto Colaborador, sr. A. L. de Carvalho.

Tem estado em Lisboa os nossos prezados amigos srs. Luís Correia de Sousa Azeias e Augusto Aguiar.

Também está em Lisboa, onde foi assistir ao casamento de sua irmã, a que noutra lugar fazemos referência, o nosso bom amigo sr. Benjamin Pereira dos Santos.

Regressou das suas propriedades de Fermentões, a Família do nosso prezado amigo sr. Camilo Laranjeiro dos Reis.

Doentes

Encontra-se completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. António Guilherme Saavedra.

Continua doente a menina Maria José Simões de Sousa Menezes, filha do nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Menezes. Desejamos as suas melhoras.

Tem passado incomodado os nossos prezados amigos srs. António de Sousa Lima e Artur Fernandes de Freitas. Desejamos as suas melhoras.

Próximo casamento

Deve realizar-se dentro em breve o auspicioso enlace matrimonial da senhora D. Alzira de Matos Laranjeiro, gentil filha do nosso prezado amigo e antigo comerciante local, sr. Camilo Laranjeiro dos Reis e da sr.ª D. Emília Cândida de Carvalho Matos Laranjeiro, com o ilustre Delegado do Procurador da República nesta comarca sr. Dr. Alber-o Pita da Costa, filho do sr. Alberto Pita de Oliveira, de Coimbra.

Aos noivos desejamos, desde já, as maiores felicidades.

Pedidos de casamento

A sr.ª D. Laurinda Ramos Martins Fernandes, e seu marido o estimado negociante local e nosso bom amigo sr. Domingos Martins Fernandes, pediram em casamento, para seu filho o nosso prezado amigo sr. José Ramos Martins Fernandes, a mão da gentil vimaranense sr.ª D. Maria José Ribeiro de Freitas, filha do estimado vi-

